

A DIFUSÃO DA FLAUTA DOCE POR MEIO DO ENSINO E AS IMPLICAÇÕES DE SEU USO INDISCRIMINADO.

Claudio Alves BENASSI¹

Resumo

A flauta doce, foi largamente utilizada nos períodos da Renascença e Barroco. Após declinar e passar por um período de 150 anos de silêncio, reapareceu na Inglaterra no século XIX, sendo difundida por meio ensino, que colaborou para a sua popularização. Isto permitiu que fosse constantemente melhorada e adquirisse padrão de desempenho profissional. Atualmente, o uso massivo deste instrumento em processos de iniciação musical, tem feito com que o instrumento seja encarado com preconceito e descrédito. A qualidade dos métodos utilizados para ensino da flauta doce em Mato Grosso, bem como as competências do professor deste instrumento, são questionáveis.

Palavras chaves: flauta doce, educador musical, ensino.

Abstract

The recorder was widely used in the Renaissance and Baroque periods. After decline and go through a period of 150 years of silence reappeared in England in the nineteenth century, being spread through education, which contributed to its popularization. This allowed it to be constantly improved and acquired standard of professional performance. Currently, the massive use of this instrument in musical initiation process, has made is faced with prejudice and distrust. The quality of the methods used for teaching the recorder in Mato Grosso, as well as the skills of the teacher of this instrument, are questionable.

Keywords: recorder, music educator, teaching.

¹ Aluno do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso.

“Não utilize a flauta para nenhuma outra finalidade que não seja musical” (Manual de instruções Yamaha)

Primeiras palavras: a difusão da flauta por meio do ensino

A flauta² foi largamente utilizada na Renascença e no Barroco, períodos em que floresceu o seu uso na música de câmara. Mas inflexões de um novo estilo musical no Barroco, exigiu dos instrumentos tessitura mais ampla, maior contraste dinâmico e maior flexibilidade para expressar totalmente o novo estilo (Araújo, 1999. p.04).

A flauta, por não apresentar tais características, foi esquecida pelos músicos e estudiosos da época. Seu declínio começou ainda no Barroco, mais foi em 1750, que ela desapareceu do cenário musical. Por um período de 150 anos, a flauta “ficou em silêncio” relegada ao esquecimento, como dá a entender Hauwe (1984, p.06).

A flauta reapareceu no cenário musical no século XIX, graças ao trabalho de músicos colecionadores e interessados música e instrumentos antigos. Um deles (o mais importante) foi Arnold Dolmetsch, cuja contribuição não foi só a de construir novamente o instrumento, mas também de difundi-lo.

Que a flauta é tão difundida é fato, mas na verdade, é o resultado de um longo e lento processo de crescimento que não tem uma, mas várias fontes simultâneas. Quando se olha para as evidências históricas, as raízes desse interesse pela música antiga, que agora é uma parte da expansão da nossa indústria musical, podem ser rastreadas até o início do século XIX (O’Kelly, 1990, p.01).

Em meados do século passado, a flauta passou a ser utilizada massivamente na educação musical. Isto trouxe a ela alguns benefícios³, tornando o instrumento popular entre amadores. Em alguns países da Europa⁴, o padrão de desempenho foi melhorado constantemente, graças a um importante trabalho musicológico feito por intérpretes e estudiosos de música antiga passando a ter *status* profissional. (Hauwe, 1984. p.06).

² Para não tornar o termo “doce” ou “de bisel” (como prefiro), muito repetitivo, toda referência ao instrumento será feito apenas como flauta. As referências as demais formas desse tipo de instrumento será acompanhado de sua designação. Ex.: flauta transversa ou transversal.

³ O fato da educação musical ter contribuído para o desenvolvimento da flauta naquela época, não significa que isso continue acontecendo. Pelo contrário, o uso massivo, atualmente é um dos grandes problemas dela, como poderá ser constatado nos parágrafos que seguem.

⁴ Grã-Bretanha, Holanda, Suíça e Alemanha.

Atualmente a flauta ainda continua a ser utilizada massivamente na educação musical. Seu uso indiscriminado, por ser um instrumento relativamente barato, de fácil manuseio (no que diz respeito ao dedilhado germânico, invenção de Harlan), faz com que o seu desenvolvimento seja embotado.

A flauta doce, instrumento utilizado de forma massiva nas escolas e projetos de educação musical, não possui a credibilidade de instrumento potencialmente artístico, o que a tem limitado apenas a processos de iniciação musical, com algumas exceções (Cuervo, 2008. p.227).

No contexto da educação musical mato-grossense, mais precisamente, no ensino de música com a utilização da flauta doce, ocorre um processo muito parecido: a flauta é utilizada apenas como um recurso facilitador. Isso ficou claro em uma pesquisa de campo que foi realizada com dez alunos do curso Licenciatura em música da UFMT⁵.

Busquei Hauwe (1984, 1987, 1992), e seus apontamentos sobre o ensino de flauta para apoiar pesquisa que se deu na terceira semana do mês de março do ano de 2010, no intuito de levantar dados sobre a opinião dos licenciandos sobre a formação do professor de música que ensina flauta. Uma única questão foi formulada, sendo que uma justificativa para a resposta foi solicitada.

A pergunta foi a seguinte: “Na sua opinião, que formação o professor de música que ensina a flauta doce precisa ter. Justifique”. Entendo que a educação musical, quer seja entendida como ciência ou como um campo do conhecimento humano, não está imune a conviver e a se confrontar com constantes situações problemáticas que são características do atual momento (Loureiro, 2003, pg.108).

A entrevista foi recolhida devidamente respondida três dias após a entrega. A opção pelo anonimato do entrevistado foi para que o mesmo pudesse expressar sua opinião, sem o receio de ser censurado.

A formação ineficiente do educador musical e a opinião do licenciando em música sobre a formação do professor de música que ensina flauta

De acordo com Loureiro (2003, pg.198) há uma incompatibilidade entre os objetivos e os conteúdos que são propostos pelos currículos dos cursos de licenciaturas,

⁵ Universidade Federal de Mato Grosso.

sendo que as atividades que efetivamente são desenvolvidas pelos profissionais do ensino musical, provocam no aspirante a educador musical, dificuldades no momento da prática educativa. Para Machado:

Na literatura da área da educação musical, a formação dos professores de música, que se destinam a atuar no ensino básico, tem se tornado um dos assuntos mais enfatizados, uma vez que os cursos de licenciatura em música não têm contribuído totalmente à qualificação dos docentes para enfrentarem a realidade do mercado de trabalho. (Machado, 2004. p.37).

Sobre a formação do professor a Revista Nova Escola, publicou em seu site: “Cursos sem foco, currículos distantes das necessidades e ensino precário mostram a urgência de repensar a preparação para a docência no país”. Isto implica na má formação dos novos profissionais que atuaram no ensino. O relato abaixo, retirada de entrevistas anônimas, exemplifica melhor o despreparo do educador musical, resultado de um processo dessa má formação.

Um de nossos colegas relatou que foi contratado por uma escola de ensino fundamental para ensinar flauta, dentro da Disciplina de Artes. Parte dos alunos possuíam o instrumento e mais da metade não. Algumas flautas eram de boa qualidade, mais a maioria eram brinquedos, pontua ele. Em seu relato, o professor disse que lhe foi fora solicitado que preparasse uma música para comemorar o dia das mães⁶. Na sala, foi constatado que os alunos não tinham os instrumentos e quando o mesmo disse que não começaria o ensino da flauta, até que todos a tivessem, alunos e também a coordenação da escola, disseram que o instrumento podia ser compartilhado entre os educandos. (O instrumento de sopro deve ser de uso individual, compartilhá-lo, seria perigoso, pois poderia transmitir doenças pela saliva que nele fica retida).

Segundo o professor os alunos que, orgulhosos vinham lhe mostrar a “musiquinha” que aprenderam, tocavam com as mãos invertidas. Preocupado ele afirma: “o professor de artes que lecionava anteriormente, não é flautista”.

A preocupação em torno da formação do educador musical existe, como tem se delineado na recente literatura que discute o assunto. Dez acadêmicos de diferentes semestres do curso de música da UFMT, desde o egresso ao concluinte, quando

⁶ Atribuem ao professor de artes a responsabilidade de preparar as comemorações da escola, reduzindo o papel desse educador a um mero oficineiro. Neste sentido, Barbosa afirma: a arte-educação é concebida como atividade, mas não como disciplina.

perguntados sobre qual formação o professor de música que ensina flauta deve ter, foram quase que unânimes em suas repostas e justificativas: domínio das técnicas e do repertório do instrumento, além de estar habilitado ao ensino do mesmo.

Alguns dos entrevistados foram ainda mais longe. Em sua resposta um licenciando em música, escreveu: “o professor tem que ter um apuro técnico, assim vejo necessário um curso de bacharel ou técnico, com boa carga de licenciatura”.

Entende-se que é necessário ao professor de música, maior domínio das técnicas do instrumento e do repertório escrito para ele e ainda formação adequada que o habilite para o ensino. Mesmo entendendo que o ensino da música não deve se restringir apenas a formar bons músicos, mas também, profissionais capazes de pesquisar, aprender, conhecer e experimentar (Loureiro, 2003, p.196).

O licenciando reconhece que é preciso ter “conhecimento de teoria musical”, “conhecimento prático do instrumento”, “domínio da didática do instrumento”, “domínio de repertório variado” e “habilidade para ensinar”, menos ter formação e qualificação para tal. Estas respostas obtidas no levantamento são preocupantes, pois, para Loureiro (2003, p.206), é preciso estudar, ter formação adequada e principalmente, nunca se dar por satisfeito, ou seja, se aperfeiçoar constantemente.

As respostas que mais exprimem a necessidade de uma habilitação específica do profissional no ensino de um instrumento musical, diz que o professor de música precisa ter formação adequada como qualquer outro profissional. Na opinião de um dos entrevistados o problema no ensino da flauta hoje, deve-se a má formação do professor de música que ensina este instrumento.

Pode-se ainda ressaltar uma resposta. Para o licenciando: “O professor de flauta doce precisa ter formação de curso superior, além do conhecimento dos timbres das flautas e domínio total dos instrumentos”. Justificativa: “Ninguém ensina aquilo que não sabe” (Retirado de uma das dez entrevistas anônimas. Grifo nosso).

Pressupõe-se que o educador musical licenciado em música está habilitado para ensinar aquele instrumento pelo qual optou ao ingressar na academia. No entanto, esse profissional ao ingressar no mercado de trabalho, na maioria das vezes, vê-se obrigado a ensinar flauta, mesmo não estando qualificado. É comum ao chegar na escola, o professor de música ouvir da direção: “aqui é flauta”.

Neste sentido, a polivalência⁷ ainda existe no ensino musical, no que diz respeito ao ensino do instrumento. O professor que estudou um outro instrumento qualquer, usa a flauta, sem ter competência para tal, quase sempre motivado pelo seu baixo custo, ótima relação custo-benefício e fácil manuseio. Eis aqui os argumentos usados por grande parte dos atores de projetos sociais e diretores de escolas de ensino regular, para justificar a utilização da mesma.

Infelizmente, é comum ouvir relatos de professores de música, que aprenderam a tocar a flauta sozinhos ou que recorrem a Internet para depois proporcionar, mesmo que de forma errônea, algum aprendizado aos seus pupilos.

Todos nós flautistas e professores, conhecemos colegas com os dedos duros, mãos como patas, tensão aguda nos braços e pescoço, e seus lábios “invisíveis” pressionado firmemente para dentro. Maneira como aprenderam a tocar a flauta doce, ou para ser mais exato, é a posição que chegaram por si mesmos, por falta de orientação adequada. (Hauwe, 1984. p.07. Grifo do autor).

Este enunciado é comum no cenário musical mato-grossense. Não são poucos os casos de músicos recorrem a “metodologias” de ensino e aprendizagem duvidosas para aprender e ensinar a flauta: “não precisa estudar para ensinar flauta”. (Resposta obtida em uma das entrevistas.)

As implicações do uso indiscriminado da flauta nos processos de iniciação musical

Sendo utilizada de forma equivocada, por educadores musicais sem formação adequada, a flauta ficou relegada a simples processos de iniciação musical, com raras exceções. O que Hauwe (1984, p.07) diz a respeito da aprendizagem proporcionada por este tipo de profissional, é preocupante. Segundo ele, o processo normalmente começa com o posicionamento da mão esquerda, com explicações sobre o primeiro, segundo e terceiro dedos, sem ater-se a posição correta da mão direita.

Quanto ao tratamento desta mão, é ainda mais preocupante. Geralmente, o professor começa pelo dedo que corresponde ao orifício número cinco, sem dar atenção a postura do polegar. Isto para o autor é perigoso, pois quando, mais tarde o aluno tentar

⁷ A Licenciatura em música com habilitação no ensino de um instrumento, delimitaria melhor o campo de atuação do educador musical, não permitindo situações condenáveis no ensino de música, como foi visto anteriormente em Hauwe.

emitir a nota mais grave do instrumento, que é possível executar fechando com o dedo mínimo os buracos de números sete e oito⁸, ou o acidente correspondente, dificilmente conseguirá obter o som correto. (Hauwe, 1984, p.07).

Outro problema no ensino da flauta é a defasagem e o obsoletismo dos métodos que são utilizados para orientar a prática docente e alunos na construção do seu aprendizado. Um dos métodos mais populares entre os professores de flauta aqui utilizados, é de autoria de um músico que não é flautista. De qualidade ainda mais duvidosa, é o material instrucional da disciplina Prática Instrumental – Flauta I e II do curso de Licenciatura em música da UFMT. Privilegia a formação de repertório diversificado, sem atentar para o repertório antigo e atual da flauta bem como fazer pouca referência a técnica do instrumento, ficando esta somente no campo teórico.

Estes métodos são para obtenção de resultados imediatos, como afirma Hauwe,

Todos os métodos disponíveis para o ensino da flauta doce foram, e muitos ainda são, com base na obtenção de resultados imediatos: uma breve explicação sobre a posição das mãos, a metade do orifício do polegar aberto, buracos 6 e 7 semifechados, um pouco de ar, uma língua, e *hey presto*, a primeira melodia pode ser produzida. (Hauwe, 1984, p.07. Grifo nosso).

Supostamente, é isso que esperam os pais ou responsáveis, e ainda se sentem orgulhosos que no máximo em duas aulas seus filhos consigam tocar uma música em poucas horas de estudo. Professores e os pais têm esta expectativa, por que não veem o ensino da flauta, como um processo de aprendizagem a longo prazo, mesmo porque não pode oferecer suporte técnico para seus alunos, além de uma iniciação básica, pontua Hauwe (1984, p.07).

Hauwe (1984, p.07) critica a visão de uma criança poder tocar uma melodia conhecida em pouco tempo de estudo, e questiona por que deveria aprender mais, visto que o ensino da flauta é, na maioria das vezes, somente uma preparação para o estudo de outro instrumento.

Em outras palavras, o professor, ao ver que o aluno é “bom” e tem possibilidades de desenvolver-se tecnicamente no estudo do instrumento, sabendo que ele não poderá oferecer este suporte ao aluno, passa-o ou indica-lhe o estudo de outro instrumento.

⁸ Existe outras formas para fazer o instrumento emitir outras notas mais graves do que aquela em que se fecha os buracos citados acima.

Em certos casos, quando o pai ou o próprio aluno, por uma questão de apego, quer continuar a estudar com o mesmo professor, este tenta tocar outras músicas que exigem maior habilidade técnica na execução do instrumento e muitas vezes acaba não conseguindo ou o faz de forma improvisada, fazendo com que, anos mais tarde, este aluno se torne um flautista frustrado (Hauwe, 1984, p.07).

A falta de familiaridade do educador musical com o instrumento e com o repertório escrito para ele, faz com que a flauta seja vista com reservas no cenário musical. Mas este não é o único problema:

Um dos motivos que afasta a música contemporânea das salas de aula, pode ser a falta de familiaridade do professor do instrumento. No entanto, percebe-se que as transformações ocorridas na composição musical a partir do século XX demandam uma formação musical que abarque essa nova produção, em seus modos de escutar e perceber esta música. (Cuervo, 2008. p.228).

Cuervo (2008, p.228) reconhece como sendo papel do educador, mediar e orientar o repertório apreendido em aula, sendo importante que este possua uma postura reflexiva, no momento em que discute a sua própria formação.

Mas por qual motivo o jovem deveria aprender a tocar música contemporânea? Qual seria a relevância do ensino dela? Cuervo (2008, p.228) recorre a Antunes (1988) para responder a estes questionamentos e afirma que o ensino da música contemporânea é uma forma de auxiliar o educando em seu crescimento intelectual, interligando-o ao crescimento da cultura de sua época, pontua.

Antunes (1988, p.53) questiona se por acaso é necessário que o aluno aprenda primeiro a linguagem tradicional “do passado”, e só depois de dominá-la, ser iniciado na linguagem do presente?

A música contemporânea também é vista com preconceito, no cenário musical. Como então vencer a resistência a essa música nova? Utilizando-se da realidade musical do aluno para fazê-lo chegar a outros domínios musicais. Isto só será possível se o professor estiver capacitado para lidar com a cultura produzida para a massa e a música midiática. Cuervo faz a seguinte proposta:

Proponho que o repertório de música contemporânea inicie ainda na educação infantil, por meio de duas iniciativas. A primeira a partir da pesquisa e incentivo permanente para a criação de peças didáticas de nível fácil e médio de execução musical, a fim de oferecer esse novo repertório desde os primeiros encontros

com o estudante de flauta doce. A segunda iniciativa é despertar o interesse do aluno como incentivo das criações próprias e apreciação musical. (Cuervo 2008, p.228).

Ainda é possível ver educadores musicais admirados ao ouvir falar em música contemporânea para a flauta. Fato que demonstra que a maioria dos músicos dão as costas para as práticas musicais de seu tempo, voltando-se para a prática e desenvolvimento do repertório antigo.

Um importante trabalho, voltado para a ampliação do repertório de música contemporânea para flauta e piano, vem sendo feito por Franco e Landim. Foram pesquisados um total de cento e trinta e oito compositores brasileiros vivos, sendo que deste total, apenas vinte e oito, possuem alguma obra escrita para esta formação.

Destes, sete compositores incentivados pela relevância do trabalho, escreveram obras dedicadas ao duo (Franco e Landim 2006, p.87-93). Esta pesquisa resultou na gravação do CD e a edição do catálogo “Projeto Duo Brasil: música erudita brasileira para flauta doce e piano”, que foram enviados para todas as universidades que oferecem curso de música no Brasil.

Em novembro de 2011, o segundo volume do CD e do catálogo, foram lançados, oferecendo ao flautista, ao professor e ao aluno de música um bom motivo para tocar flauta doce: repertório de qualidade.

Considerações finais

Para fechar este nosso assunto, percebe-se a necessidade de um maior comprometimento ético do professor de música, para não utilizar a flauta como um mero recurso facilitador no processo de iniciação musical em sua aula. Se tal prática continuar a acontecer, poder-se-ia levar a mesma, a cair em desuso novamente.

Na pesquisa de Franco e Landim (2006), apenas uma pequena parcela dos compositores escrevem para a flauta e piano, formação por elas pesquisada. Segundo informações obtidas por correio eletrônico, alguns destes compositores escrevem para este instrumento, por que são flautista. Os que não escrevem, argumentam que o instrumento não oferece possibilidades de performance musical, que é difícil montar e que o timbre da flauta é pobre, devido a pouco representatividade de seus harmônicos.

Nota-se um descompasso no ensino do instrumento, inclusive no curso de Licenciatura em música da UFMT. A disciplina destinada a prática musical com a flauta se utiliza de materiais como “Vamos tocar flauta doce” de Tirlor e “Minha doce flauta doce” de Mascarenhas. Outro empecilho que estanca o desenvolvimento da flauta como instrumento artístico além da defasagem do material didático é a falta de atuação musical dos professores, pouca ou nenhuma atualização metodológica e ainda a inexistência de publicações dos mesmos sobre o assunto.

Outro obstáculo que impede a flauta de ser levada a sério atualmente é o descrédito e o preconceito com que é encarada no cenário musical. Uma das possíveis soluções para o problema seria delimitar o campo de atuação do educador musical, por meio de um curso de licenciatura em música, com habilitação em um instrumento. Supõe-se que a partir do momento que este instrumento passar a ser ensinado somente por professores que sejam flautistas – e que realmente saibam tocar e ensinar flauta, este panorama se reverta.

Alguns pesquisadores tem se empenhado em uma busca incansável para resolver alguns problemas históricos da flauta, como por exemplo, a falta de projeção sonora. Uma solução surgiu como um flautista alemão que desenvolveu um bocal de flauta doce que se adapta ao corpo flauta transversal.

Seu timbre se situa entre o da flauta tenor e da baixo, conservando suas peculiaridades timbrísticas, com a vantagem de ter a projeção e o volume sonoro da transversal. Este instrumento híbrido está sendo chamado provisoriamente de “flauta doce Boehm” e vem sendo estudado pelo autor do presente artigo.

Referências

ANTUNES, Jorge. **Criatividade na Escola e Música Contemporânea**. In: *Cadernos de Estudos: Educação Musical 1*. São Paulo: Atravez, p. 53-61. 1990.

ARAÚJO, Sávio. A evolução histórica da flauta até Boehm. http://amjsad.com/downloads/nilson/a_evolucao_historica.pdf, acessado em 09 de abril de 2011.

CUERVO, Luciane. **Música contemporânea para flauta doce: um diálogo entre educação musical, composição e interpretação**. In: Encontro da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Música, 18, 2008, Salvador. Anais do XVIII da ANPPOM. Salvador: UFBA. p.227-230.

FRANCO, Daniela Carrijo. LANDIM, Betiza Fernandes. **Música brasileira erudita para flauta doce e piano: ampliação do repertório e organização de catálogo de**

obras. Disponível em: <http://revistas.ufg.br/index.php/musical/article/viewFile/1580/1546>. Acessado em 25 de agosto de 2010.

HAUWE, Walter van. **The modern recorder player**. Vol 1,2,3. London: Schott music LTD. 1984, 1987, 1992.

LOUREIRO, Alícia M. Almeida. **O ensino de música na escola fundamental**. Campinas: Papirus. 2003.

MACHADO, Daniela Dotto. **A visão dos professores de música sobre as competências docentes necessárias para a prática pedagógico-musical no ensino fundamental e médio**. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, p. 37-45. 2004.

O'KELLY, Eve. **The recorder today**. New York: Cambridge University Press. 1990.

Revista Nova Escola. **A fragilidade de cursos de Pedagogia e de licenciaturas no Brasil**. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-inicial/fragilidade-cursos-pedagogia-licenciaturas-brasil-graduacao-formacao-docente-546805.shtml>. Acessado em 21 de março de 2011.